



## A estranheza em seu próprio mundo: a busca pelo pertencimento na narrativa de Mia Couto

*La rareza en su propio mundo:*

*la búsqueda por el pertenecimiento en la narrativa de Mia Couto*

Nádhia Valença COSTA<sup>1</sup>

Virgínia Celeste Carvalho da SILVA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho busca analisar a representação das personagens no conto O embondeiro que sonhava pássaros, de *A menina sem palavras* (2013), de Mia Couto, à luz das teorias da identidade cultural na sociedade pós-moderna. Para isso, observa-se o passarinho - negro representante da ancestralidade moçambicana - como aquele que guarda as tradições para que o passado permaneça vivo no presente; e Thiago - criança branca filha de colonos - como a personagem a trazer a dualidade para a questão da identidade cultural, assumindo o papel de levar para o futuro as tradições, mas ao mesmo tempo trazer à tona a opressão e exclusão cultural do colonizador. O estudo apóia-se em estudiosos como Zygmunt Bauman (2005), Marshall Berman (2007), Homi K. Bhabha (1998) e Stuart Hall (2003, 2000), que discutem a significação do pertencimento e defendem a compreensão de culturas híbridas diante desse novo período da história humana.

**Palavras-chave:** Identidade cultural. Mia Couto. Representação.

**Resumen:** Este trabajo busca analizar la representación de los personajes en el cuento O embondeiro que sonhava pássaros, de *A menina sem palavras* (2013), de Mia Couto, a la luz de las teorías de la identidad cultural en la sociedad posmoderna. Para eso se observa el pajarero - un negro representante del antepasado de Mozambique - como aquél que guarda las tradiciones para que el pasado permanezca vivo en el presente; y Thiago - un niño blanco, hijo de colonos - como el personaje que trae la dualidad para la cuestión de la identidad cultural, asumiendo el papel de llevar para el futuro las tradiciones, pero al mismo tiempo traer a la superficie la opresión y exclusión cultural del colonizador. El estudio se apoya en los teóricos, como Zygmunt Bauman (2005), Marshall Berman (2007), Homi K. Bhabha (1998) y Stuart Hall (2003/2000), que discuten la significación de pertenecer y defienden la comprensión de culturas híbridas delante de este nuevo periodo de la historia humana.

**Palabras clave:** Identidad cultural. Mia Couto. Representación.

### Introdução

A questão da identidade assumiu uma grande relevância sociopolítica na pós-modernidade e passou a ser amplamente estudada nos mais diversos campos dos saberes. Isso se deve, em sua grande maioria, pelo entendimento de que a identidade é um quesito problemático diante da incerteza vivida na pós-modernidade e, assim, o período exala um desejo por discutir a temática.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Pós-graduada em Literatura Brasileira pela Faculdade Frassinetti do Recife | E-mail: nadhiavcosta@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Pernambuco | Orientadora do trabalho | E-mail: vcellestte@gmail.com

Desse modo, temos a identidade sendo analisada a partir de diferentes perspectivas. Alguns conceituam como representação pessoal, porém outros têm a ideia de que identidade é “sentimento de pertencimento de realidades” e “conjunto de significados compartilhados” (HALL, 2003; BAUMAN, 2005). “As identidades não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2003, p. 48). Nessa visão, a identidade é posta como um posicionamento, particularidades que o ser, ou seres, toma para si por se sentir vinculado, pertencente, representado por uma determinada cultura.

Inserido nesse contexto identitário está o escritor moçambicano Mia Couto. Ampla-mente premiado e reconhecido por seu trabalho, o autor de diversas obras se projeta como uma figura de destaque na literatura africana contemporânea e traz uma linha literária marcada pela busca da identidade: africana, pessoal, literária, cultural. Mia Couto resgata e re-constrói mitos e a cultura oral africana, utilizando a criação de novas formas literárias para que se reflita sobre a identidade do país, depois de séculos de guerras. O escritor almeja em suas narrativas a descoberta da identidade moçambicana e ressalta a consciência da pluralidade cultural, valorizando as raízes ancestrais e aproximando seus leitores das múltiplas identidades existentes em Moçambique.

Para os objetivos deste artigo, será utilizado o conto de Mia Couto, *O embondeiro que sonhava pássaros*, que está inserido no livro *A menina sem palavras*, antologia que reúne contos de diferentes épocas do escritor relacionados ao universo infantil em Moçambique. O estudo busca verificar o modo que o escritor elabora a problemática da identidade nacional em sua narrativa. É realizada, então, uma análise das personagens: o vendedor de pássaros e Tiago, para destacar na narrativa o velho - o embondeiro de pássaros - como o responsável por deter a sabedoria de uma tradição, e a criança como o ser responsável pela continuidade da memória cultural. Tudo isso construído, porém, diante de um quadro de crise identitária, uma vez que não há mais um mundo social estável, no qual há não só uma globalização de culturas, mas também uma opressão como consequência dessa nova ordem sociocultural instalada em Moçambique.

Para tal análise, o artigo parte de uma pequena organização teórica que aborda de modo semelhante a identidade e sua problematização diante das mudanças e da inserção no âmbito dos estudos culturais. Apresentam-se, assim, de modo resumido, os estudos realizados por Marshall Berman, Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Homi Bhabha, que contribuem para a análise e discutem a identidade.

### **Construindo novas identidades, erguendo novas representações: uma visão sobre o sujeito e a identidade cultural na pós-modernidade**

A dinâmica cultural e econômica da modernidade tem o intuito de destruir tudo que é criado de maneira sólida. Para Berman, até “as sólidas formações sociais a nossa volta se diluíram” (BERMAN, 2007, p. 114). O autor, em seu estudo sobre a pós-modernidade,

destaca que “o dinamismo inato da economia moderna e da cultura que nasce dessa economia aniquila tudo que cria para criar mais” (BERMAN, 2007, p. 337). Qualquer que seja o posicionamento social de um indivíduo pós-moderno, esse novo contexto exige desse ser uma personalidade fluida e aberta. Espera-se que ele esteja sempre disposto a mudanças nas mais diferentes esferas.

Com a “diluição” (BERMAN, 2007) de toda a forma estável do mundo social surge a crise de identidade apontada por Stuart Hall, e também por tantos outros teóricos da área, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*. Para ele, essa crise é parte do amplo regime de mudanças que tem por característica a desestabilização dos modelos referenciais que permitiam aos indivíduos um posicionamento estável na sociedade.

Diante desse quadro, a identidade assume voz e é colocada no mundo como questionamento, pois, para Hall, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2003, p. 9).

Antes, o pensamento era baseado nas tradições. Essas, juntamente com as estruturas (econômicas, sociais e culturais), eram devidamente estabelecidas e ordenadas, e o indivíduo estava sujeito a toda esta ordem fixa e preestabelecida.

A sociedade pós-moderna, então, de mudança rápida e constante, deixa de lado a ideia de unificação e assume a postura de articulação. Destaca-se, agora, a pluralidade, os diferentes elementos e identidades que a compõem e as possibilidades infinitas de articulações e formações.

Agora, diante de um sujeito fragmentado, vê-se a necessidade de se pensar a identidade cultural nacional. Um sujeito múltiplo, mutável e inconstante sente um desejo por uma identificação com uma nação, mesmo que esta também seja plural e fragmentada, pois “sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (HALL, 2003, p. 48). A representação, que antes estava em uma religião, região ou tribo, agora passa a ser, nas sociedades ocidentais principalmente, a cultura nacional: é a identificação de nós mesmos, a concepção de que pertencemos a um grupo.

Porém, não se pode pensar em discursos de identidades culturais nacionais únicos. “São atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (HALL, 2003, p. 62). A ideia de identidade cultural não perpassa a tentativa de subordinação das diferenças existentes, a supressão das diferenças internas: deve-se pensar a cultura nacional como a junção das diferenças em uma identidade.

Se por um lado a pós-modernidade e a fragmentação do indivíduo trazem consigo a tendência a uma busca por uma identidade cultural nacional, por outro lado esse mesmo movimento traz o processo de globalização. O fim do século XX fica marcado como o período de conexão de tempos e espaços distintos e os mais longínquos pensáveis. A economia deseja cada vez mais romper as fronteiras e termina por gerar impactos sobre as identidades culturais.

Stuart Hall aponta três possíveis consequências para esse fenômeno: “as identidades nacionais estão se desintegrando”, “as identidades nacionais estão sendo reforçadas pela resistência à globalização” e “as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar” (HALL, 2003, p. 69). Torna-se, então, inegável o impacto e interferência da globalização nas identidades culturais. As fronteiras se rompem não apenas para o Capital, mas para a entrada, saída, troca, imposição, discriminação de/entre culturas e representações.

### Hibridismo e negociações na cultura pós-moderna

Tem-se presenciado cada vez mais o surgimento de novos modos de identificação. Diante disso surgem os Estudos Culturais que não parecem ter a proposta de ver a cultura como algo fixo ou homogêneo. A cultura passa a ser os vários modos pelos quais nos identificamos socialmente, as diferentes experiências sociais vivenciadas que somam nossos costumes.

A identidade se apresenta como uma forma de o sujeito se por no mundo, encontrar-se em uma sociedade. E não se pode deixar de lado os efeitos conduzidos pela pós-modernidade nas relações sociais. Se a identidade por um lado localiza um indivíduo em determinado grupo, por outro exclui ou faz indivíduos se distinguirem de outros por não pertencerem a um mesmo grupo.

Em seu livro *Quem precisa de identidade*, Stuart Hall reflete sobre o poder que envolve as questões culturais ao destacar a diferença e a exclusão como elementos emergidos no processo de identificação. Para ele “as identidades podem funcionar, ao longo de toda a história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em exterior, em abjeto” (HALL, 2000, p. 110).

Com a identidade surge a diferença. O indivíduo ao se afirmar nega outros elementos. Desse modo, cria-se também uma construção de identidades negativas, com as quais grupos e indivíduos não querem ser identificados. Uma construção negativa atrelada ao uso de poder promove a capacidade de incluir ou excluir e classificar como aceitável ou não uma identidade. Mesmo que se esteja diante de um período múltiplo e dinâmico.

Junto à pós-modernidade vêm também à tona os efeitos da questão identitária, e é preciso começar a pensar a identidade não como um produto acabado, mas na qualidade de processo para o entendimento de uma visão da totalidade da identificação do sujeito.

Homi Bhabha, em sua obra *O local da cultura*, levanta questionamentos sobre a problemática de o Homem pós-moderno, diante de uma realidade tão fluida e dinâmica, refletir sobre a identidade, a qual antes era fixa e determinada. O autor, ao se debruçar sobre os estudos acerca da identidade cultural, apresenta uma visão crítica no que diz respeito à ideologia pós-colonial. Defende, assim, o caráter fronteiriço da cultura nessas sociedades, que exige uma identificação com o novo, deixando de lado posicionamentos

dicotômicos para assumir um papel híbrido que traga coerência e articulação entre elementos distintos que no momento fazem parte e compõem determinada sociedade.

Para uma melhor compreensão das identidades pós-coloniais, é preciso abandonar a visão bipartida de uma cultura. Eliminando o conceito de superioridade da cultura colonizadora, considerando as particularidades do povo colonizado, mas, principalmente, apagando a ideia de homogeneidade de qualquer cultura.

Não se busca, dessa forma, estabelecer uma identidade única para colono e colonizador, muito menos omitir a existência de uma discriminação ou esmagamento de determinadas culturas no processo colonial. O intuito perpassa apenas pela tentativa de analisar a formação de identidades diante de uma perspectiva que considere as trocas existentes em qualquer regime e destaque o hibridismo como uma característica dessas sociedades.

### **A mescla de identidades em *O embondeiro que sonhava pássaros***

O livro *A menina sem palavras*, do escritor Mia Couto, reúne dezessete contos, de períodos distintos do percurso literário do autor. Os textos fogem do estereótipo de miséria e fome relacionado à África e apresentam aos leitores, por meio da linguagem única do escritor, o universo da criança diante de toda cultura, costumes e realidades de seu povo, porém, com a delicadeza e encantamento infantis.

*O embondeiro que sonhava pássaros* narra a relação de um negro, vendedor de pássaros, com Tiago, filho de colonos. Ampliando a visão, pode-se perceber que o texto expõe não só o contato entre duas personagens, mas entre as identidades culturais de um país colonizado e a cultura esmagadora europeia que é imposta e tenta diminuir as representações de um povo. Desse modo, o estudo aqui realizado busca conectar as pesquisas do campo da identidade cultural na pós-modernidade com a representação das personagens no conto e suas contribuições para a reflexão sobre os confrontos e hibridismos culturais.

O passarinho, logo de início, é apresentado assim na narrativa por não possuir sequer um nome. Desde o princípio o negro é ignorado. O desconhecer, a indefinição da personagem é o ignorar a cultura moçambicana, o menosprezar identidades. Os colonos que habitam o bairro de cimento – em oposição ao barro africano, como destacado no conto – não reconhecem e não aceitam uma identidade que não seja a sua. O vendedor de pássaros não é bem-vindo em sua própria terra, pois pela colonização instala-se uma ordem de imposição de uma cultura em detrimento da já existente.

A pós-modernidade surge rompendo fronteiras, entretanto as questões culturais não são esclarecidas e se tornam cada vez mais complexas. Os discursos discriminatórios persistem mesmo diante de uma troca cultural tão intensa. O outro não é reconhecido e o poder atua como separação e exclusão dos que estão à margem:

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos - aquele preto quem era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem

autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar (COUTO, 2013, p. 61).

O vendedor de pássaros, embora “desconhecido” diante dos brancos, sente-se pertencente não apenas a sua terra, mas também reconhece sua tradição cultural. Assume sua identidade ao persistir vendendo seus encantadores pássaros, transmitindo o conhecimento mágico de sua herança cultural. Em seu conto, Mia Couto valoriza a imagem do homem negro. Este é a representação da memória das tradições que sustentam a cultura passada de um povo em um presente tão fluido.

Se a presença do passarinho incomodava por um lado os brancos, por outro encantava as crianças. Tiago, ignorando todos os castigos ameaçados pelo pai, se achegava ao negro maravilhado com as magias de suas tradições:

Era Tiago, criança sonhadeira, sem outra habilidade senão perseguir fantasias. Despertava cedo, colava-se aos vidros, aguardando a chegada do vendedor. O homem despontava e Tiago descia a escada, trinta degraus em cinco saltos. Descalço, atravessava o bairro, desaparecendo junto com a mancha da passarada (COUTO, 2013, p. 62).

Pode ser atribuído à criança, na cultura, o papel de perpetuar uma identidade, recebendo de seus antepassados e com eles se identificando e construindo suas representações para serem levadas ao futuro. Tiago representa o paradoxo, pois é a criança que se fascina e a certo ponto se identifica com o mundo cultural africano. No entanto, é o branco, filho de colonos, que detém o poder do período, que subjuguem costumes que não sejam os dos que estão no poder.

Os moradores do bairro começam a se importunar com a presença do negro. Intencionavam planejar um movimento que expulsasse o vendedor de pássaros de suas presenças. Mesmo com a postura discriminatória, é possível perceber em alguns momentos do conto a incerteza dos colonos diante da figura do passarinho: um fascínio pelo mistério que seus costumes representam e medo de que a cultura do negro fosse “superior”, em suas visões, à deles: “Os senhores receavam as suas próprias suspeições - teria aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles careciam de acesso?” (COUTO, 2013, p. 63). Homi Bhabha (1998) defende em seus estudos que esta postura é típica da colonização, a qual forma um estereótipo que atrai e afasta por ser diferente.

As visões de mundo se mostram diferentes, os conflitos e repulsas inevitáveis diante de uma lógica do poder, da supremacia. Embora os brancos apresentem uma certa oscilação, esta não dura muito. O preconceito se instala na sociedade pós-moderna, que passa por tantas modificações e contatos com o “diferente”, como arma para diminuir uma cultura; o diferente passa a ser menor: “Mas logo se aprontavam a diminuir-lhe os méritos: o tipo dormia nas árvores, em plena passarada. Eles se igualam aos bichos silvestres, concluíam” (COUTO, 2013, p. 63).

A literatura de Mia Couto não relata diretamente um período colonial, mas seus textos, em especial o aqui tratado, trazem à tona um sistema social repleto de invasões culturais. O choque entre identidades distintas e a busca pelo poder por meio da minimização

das outras representações são explorados em *O embondeiro* que sonhava pássaros. O velho africano representava uma identidade cultural não aceita, a consciência de sua raça era apreendida negativamente, gerando o preconceito e a discriminação de sua identidade, como se percebe no trecho abaixo:

Sua presença foi enchendo durações, insuspeitos vazios. Conforme dele se comprava, as casas mais se repletavam de doces cantos. Aquela música se estranhava nos moradores, mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra. Afinal, os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes? Ou culpado seria aquele negro, sacana, que se arrogava a existir, ignorante dos seus deveres de raça? O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas. Os brancos se inquietavam com aquela desobediência, acusando o tempo. Sentiam ciúmes do passado, a arrumação das criaturas pela sua aparência (COUTO, 2013, p. 63).

Após suportarem o incômodo da presença do passarinho ao extremo, os moradores do bairro decidem dar um fim na história do vendedor de pássaros. Neste momento do conto, percebe-se a grande tendência de Mia Couto de expressar em sua literatura a busca por uma identidade, entendendo esta como processo de troca e formação plural e constante.

Tiago assume, então, a figura do hibridismo existente nas culturas. Ao correr para avisar ao negro o destino que lhe queriam dar, a criança revela a importância que ele atribui ao vendedor. O garoto, através das trocas vivenciadas de maneira aberta, sem preconceitos ou julgamentos, se identifica também com a cultura africana. Pertence a ele agora a magia, os mitos, o encantamento de um movimento cultural com o qual teve contato: “Tiago oferegia. O vendedor não se desordenou: que já sabia, estava à espera. O menino se esforçava, nunca aquele homem lhe tivera tanto valor” (COUTO, 2013, p. 65). Não apenas a personagem passara a ter valor para Tiago, mas também a representação dessa personagem agora fazia parte da criança, de sua identificação.

Os colonos prendem e espancam o passarinho e durante todo o processo Tiago acompanha de longe e se entristece. Após ser torturado, o velho foge e o menino vai procurá-lo em sua moradia: um embondeiro. Não o encontra, deita no interior da árvore, junto com os pássaros que eram vendidos, porém não nota que os moradores vão ao embondeiro queimá-lo na tentativa de eliminar o negro por julgarem que este lá estaria escondido.

A ida do menino à árvore marca o momento em que ele não mais se vê fora dessa cultura que agora tão entranhadamente fazia parte dele: “Decidiu voltar à árvore. Outro paradeiro para ele já não existia. Nem rua nem casa: só o ventre do embondeiro” (COUTO, 2013, p. 68). Ao fim do conto, percebe-se que o garoto assimila, sem copiar ou eliminar suas outras identidades, a cultura de um povo, e esta também não passa impune à presença de outros costumes com os quais, mesmo que obrigatória e reprimidamente, convive nesse período:

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolvucravam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se,



petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes (COUTO, 2013, p. 68).

A identidade seria, então, um processo construído pela comunicação de elementos culturais de diferentes sociedades. Com a pós-modernidade e a quebra dos padrões fixos, toda identidade passa a ser múltipla, híbrida. Tiago não é mais só uma criança branca, com costumes de um povo colonizador, é também o embondeiro e todos os seus pássaros coloridos.

### Considerações finais

Com base na análise do conto *O embondeiro que sonhava pássaros*, importa destacar a busca de Mia Couto por uma construção identitária, ou melhor, pelo movimento constante de se buscar a construção da identidade.

Por meio da palavra, da arte literária, o escritor questiona e pluraliza as identidades de um povo. Usa o elemento poético da relação existente entre o menino e o passarinho para apresentar suas tradições e conflitos. O conto não deixa de lado o hibridismo e as ambiguidades culturais existentes no povo africano. Assim, pode-se verificar com a leitura a interferência da globalização moderna nas identidades, tornando-as fragmentadas e fazendo surgir novos modos de identificação.

Por fim, destaca-se a importância da escrita de Mia Couto ao perceber a tematização de um sujeito pós-colonial formado por seus costumes culturais passados, mas também pelo contato com uma nova cultura. Reconhece-se, assim, que o fortalecimento de um povo perpassa pela aceitação das diferentes identidades que podem representar um único indivíduo.

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- COUTO, Mia. **A menina sem palavras: histórias de Mia Couto**. São Paulo: Boa Companhia, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em: 25.05.2017

Aprovado em: 01.09.2017

Para referenciar este texto:

COSTA, Nádhia Valença; SILVA, Virgínia Celeste Carvalho da. A estranheza em seu próprio mundo: a busca pelo pertencimento na narrativa de Mia Couto. **Lumen**, Recife, v. 26, n. 2, p. 77-84, jul./dez. 2017.